



DOUTOR ANTONIO ZEPHERINO CANDIDO

POSITIVISTA

(Segundo uma photographia dos Srs. Carneiro & Tavares)

Um bello talento, um professor notabilissimo, e, acima de tudo, um homem que corajosamente se dedica á instrucção e educação dos pobres: propagador da *Cartilha maternal*, de João de Deus.



Agradecemos a oferta de exemplares das publicações:

Confos da minha laura, por Alberto Braga. — Chegou-nos de Coimbra um belo volume de contos, escriptos no gênero das *Noivelas do Minho*, do Sr. Camillo Castello-Branco. Falece o autor originalmente; mas o seu estilo é correcto e elegante.

Biblioteca económica, ns. 55, 56, 57 e 58. — São muito interessantes os romances que esta popular biblioteca está publicando presentemente: *Morosaria*, de P. J. Stahl, e *Oz grilhetas*, de P. Zaccone.

O vulgarizador, n. 25. — Além de varios artigos sobre comércio, industria e artes, traz este numero um curioso artigo sobre instrução pública.

A lanterna, por Alberto de Carvalho, n. 1, III serie.

No me olvides, habanera, de J. M. Guelbenzu. — Publicada pelo Imperial estabelecimento de Narciso & Comp.

O numero 20 do *Occidente*. — Hoje não ha uma só chapa para ele.

A Polka habanera — Sarah — do Sr. A. J. de Macedo Soares. Tem um sustento na 5.^a linha na clave de sol, e outro na 4.^a na clave de fá.

Agradecemos á direcção da Caixa do Soccorso de D. Pedro V o convite para a missa solene mandada celebrar na igreja de S. Francisco de Paula, em comemoração do infante passamento do Sr. rei D. Pedro V.

A direcção do Alcazar o convite para assistir á representação da opera-comica *Les brigands*.

O convite para a inauguração do salão Arthur Napoleon & Miguel. O producto do concerto será entregue ao Irmandade Ignacio, para os auxios do Dr. Ibiapina.

O estimado actor Graça far beneficio no theatro S. Luiz, sexta-feira 22 do corrente, com a *Morgadinho de Val-Jérôme*, desempenhando o papel de Capitão-mór.

Entregam-nos o beneficio 30 galerias, que estão à disposição do público em nosso escriptorio.

O producto d'estes bilhetes é generosamente concedido pelo beneficiário á casas de caridade do Padre Ibiapina.

Pedimos aos nossos assignantes em atraço o obsequio de mandarem satisfazer as suas assignaturas vencidas em 30 de setembro proximo passado.



O Doutor Zepherino Cândido.

Damos hoje no nosso número o retrato do Doutor Zepherino Cândido; não está este modo de proceder muito nos nossos hábitos; entretanto abrimos uma vez como exceção o precedente de darmos retratos e o temos feito porque o dever da consciência assim nos dita.

O Doutor Zepherino Cândido nos merece muito para nos esquivarmos daquele dever; por isso que, quando não fossem notáveis os seus méritos, foi elle quem com a abnegação apostólica nos veio trazer um supremo bem — um método que ensina a ler.

Ao poder executivo

Ex.º Sr.

Não olhe V. Ex.º com os olhos verhos á justiça para estas simples linhas: elas não traduzem uma censura, dão fórmula a um aplauso.

V. Ex.º entendeu e entendeu muito bem que não deve andar muito ás carreiras e que o estatuto não é nenhum cavalo de ordenhança para ser obrigado no galope. O estado não pode sair de chôto pacato do sistema representativo; o contrario seria esfalfá-lo e, ate mais, — seria mortal-o.

Para chegar a esta conclusão V. Ex.º foi porém ouvir o conselho de estado, que simboliza a prudência, a reflexão, e o constitucionalismo do conselheiro Accacio. A conclusão de V. Ex.º não nos admira, mas fez-nos entretanto pensar que á necessidade da consulta precedeu um pensamento de possibilidade revolucionária ou evoluçãoaria no poder executivo.

Este facto, muito simples apparentemente, adquire aos olhos da mediatação um grande alcance e, até, toma as formidáveis proporções de um attentado.

Quem deu no poder executivo o direito de pensar em desarraigar a Constituição, alterando aquella forma que lhe deram os patriarcas da independência?

Ha duas cousas que são de sua natureza inviolaveis, duas unicas encarnações do *noli me tangere*: uma é a palavra dos nossos pais, outra é a coroa.

Assim como o poder executivo, por mais phantasiata que fosse, não podia arrogar-se o direito de modificar a configuração da coroa, pela mesma razão não pode alterar uma unica vírgula no que está escrito no pacto fundamental.

Entendamo-nos.

O poder executivo, quando quer fazer cara de amar ás ideias que pairam na atmosphera mental da epocha, é tão ridículo como um velho que se caracteriza, que enche as rugas das faces, pinta os cabellos e aperta os joanetes em sapatinhos de bico fino.

A monarquia toma ares de velha loureira, um quê da Sr. Julianha, com *chignon* de retro velho, zelosa das botinas, batendo as sainas com multa gomma.

Cada natureza tem as suas limitações: a criação do Dr. Fausto, não é o mesmo que dar cantharidas a um velho; é uma idade que surge:

a velhice do preconceito que cede o passo á mocidade do amor. Por isso mesmo o Dr. Fausto não é ridículo, e pelo contrário, é sublime.

O poder executivo, porém, não está no mesmo caso. O poder executivo precisa de convencer-se de que tem uma calva enorme, que está sempre à amostra; já não posse mais do que um dente que mordre o orçamento, tem quebreira da espinha, e o seu destino — o único destino razoável e lógico, é morrer de velho, brincando com uma boneca e levando o excesso de cadiquê a esfregar a mão em toda a molhadela que vir no chão da monarquia.

Tudo o mais que lhe disserem é mentira, tudo o mais que for pensado pelo poder executivo, fora das restrições que lhe fizemos, é falso.

Não queira correr; o chôto pacato é o que lhe assenta; o mais é história, sugestão de opoçãonistas, da caixa que tudo quer ver por terra, que a herança constitucional de nossos pais dá combate tão forte como ao rheumatismo, à asthma, à gotta que elas lhe tenham legado.

Assim pois, damos um bravo sincero ao poder executivo, que entende, em boa hora, não convocar constituinte; o caso não é para tanto. Se estivesse em nossas mãos o poder de Calígula, nós com toda a satisfação íntima e em sinal de reconhecimento, — de cada um dos Srs. membros do poder executivo faríamos um consul, com a competente moradia de mármore.

Pelo Besouro
Zé.

A' procura de Alphonsine


Bazilio entrou de ha quinze dias a esta parte a ficar triste; encostava-se sobre a sacada com os olhos mortos, humidos e meios cerrados, perdesse aquela agilidade, aquella viveza de azougue e de criança traquina, e desplidente olha moroso para os que passam, para a taboleta da loja «Atalaia» com o seu enorme olho branco pintado no fundo *marron*, para a sala deserta, escura e silenciosa dos dezoito bilhares, e depois volta-se para nós e interroga com aquele mesmo olhar triste e como quem faz uma pergunta a si mesmo:

— O' Deus! o que se passa dentro de mim? e segue-se um silêncio, que é perturbado pelos tiros no alvo na sala do mestre Mathieu.

O Bazilio sentiu a nostalgia do infinito, uma nuvem metaphysica obscura, impossível passa-lhe pelos olhos, elle os fecha arrastando luxuosamente a corrente, que tem pela cintura, diz:

— Diabo onde está a Alphonsine?

Precisamos de uma para o Bazilio, a natureza a reclama na sua frase immortal e pilhérica. Mesmo porque é assim que elle costuma fazer os seus reclamos.

X.

Pedimos venia...

..... ao Occidente ultimo, para desencastor da Chronica Occidental a seguinte poesia de Guerra Junqueiro:

NA VARETA DE UM LEQUE

No Eden uma vez, era de madrugada,
Andava n'uma roxa una vespa doirada.

Satanaz, como sah de concha um carcol,
Tenebroso e escorrendo em purpuras de sol,
Saiu alegremente, a rir, dentre o arvoredo;
Chegou-se ao pé de Deus e disse-lhe um segredo
Em voz baixa ao ouvido.

Isto foi na manhã,
Era que Eva devorou a celebre maçã.

E Deus disse ao demônio:

— O' brejeiro é preciso
Dar armas à mulher para que o homem peque.

E Jeovahav da roxa então fez-lhe um sorriso
E das azas da vespa o diabo fez-lhe um leque.

Canções românticas

POESIAS DE ALBERTO DE OLIVEIRA.

...imos hoje saldar a dívida, que
contralmos, em o numero pas-
sado, com o público e o autor
das *Canções românticas*.

Devemos inteira verdade a ambos:
ao público pelo quanto nos merece;
ao poeta pelo seu talento, pelo seu
trabalho, pelas grandes luctas obscenas
que teve necessariamente de sus-
tentar com o desdém dos maus, com a malquer-
ença dos parvos, com a sua propria consciencia,
antes de se decidir a tirar um livro de versos
ao meio do mercantilismo prospero e anafado
d'esta nossa sociedade.

Fazemos, pois, como os alfitaes da rua do
Hospício: penduramos aqui uma opinião feita,
que o leitor pôde aceitar, ou recusar, se por
acaso fôr pechoso e exigente.

Assim, temos para nos que Alberto de Oliveira não só se revelou poeta, mas poeta com originalidade, com senso commun, com etymologia, com prosodia, com syntaxe e com orthographia.

A muitos bardos de cabelleira piolhosa, con-
venhamos, falecem algumas d'estas qualidades,
quando não falecem todas.

Demais, agora que toda a gente se proclama
realista, é para admirar vir a público um poeta
lyrico que não enfasta, que não é ridículo; mas
que ao contrario logra captivar-nos a atenção
e namorar-nos a vontade.

A sua natureza poetica deriva em linha recta
das de João de Deus e Anthero de Quental: do
primeiro pela cuidada singeleza e artificiosa natu-
ralidade; do ultimo pelo germanismo, pelo vago,
pela sombra, pelo mysterio, pelo excesso de idealida-

Alberto de Oliveira tem alguns versos,
poucos, que eu, não obstante todos os meus esfor-
ços e toda a minha boa vontade, não chego a
entender, como, por exemplificar, este do bellissimo
Mez de outubro:

A luz sarja o ar de um sentimento rubro.

THEATROLOGIA ILLUSTRISSIMA.

ALCAZAR. — *Les brigands.*

E' no meio das montanhas e dos despenadeiros que elles cantam e bebem alegramente:
punch, quando

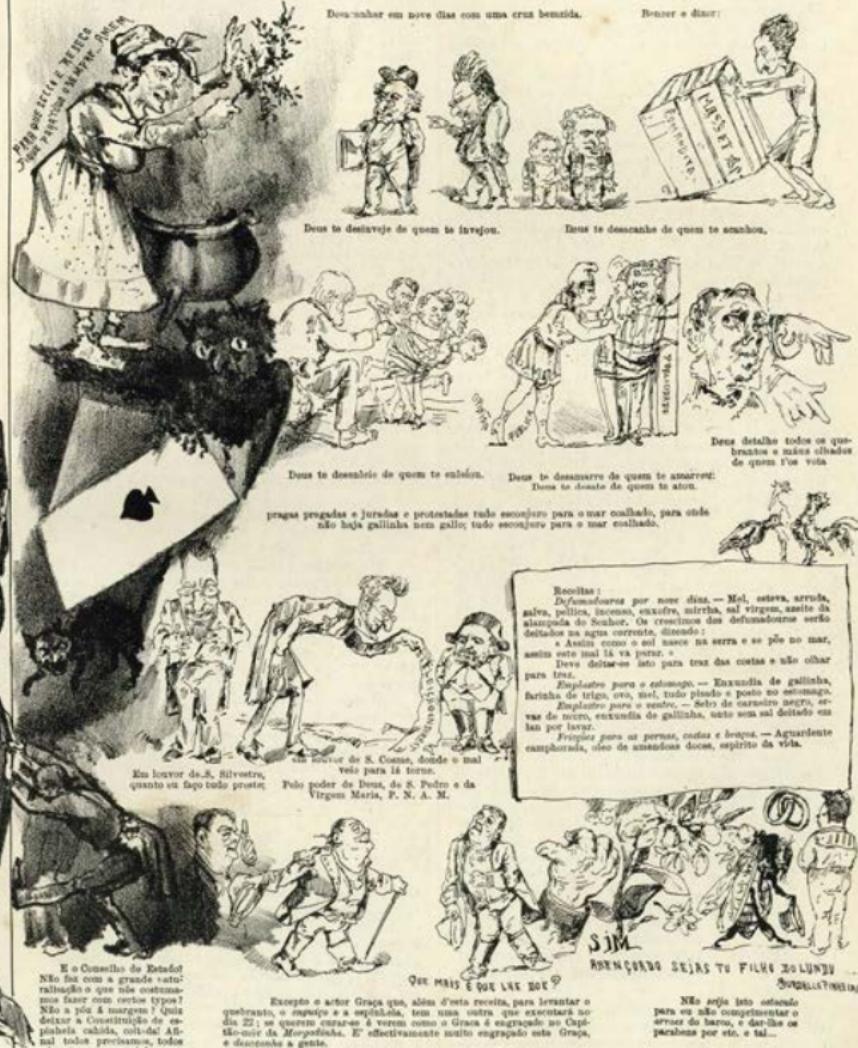


Nous sommes les carabiniers,
La morte des foyers ;
Mort par un malheureux hasard,
As sommets des pentes de nos.
Nous arrivons toujours trop tard,
Toujours... trop... tard...
Toujours... trop... tard,
Trop... tard,
Trop... tard.

Franicamente: não se parece com a comissão de Inquérito da Câmara Municipal? Toujours... trop tard, trop... tard!
Trop tard

AO PARTIDO CONSERVADOR... E OUTROS.

Damos-lhe de graça esta receita para o desingújar: já veem que não somos indiferentes à sua espinhella cabida, apesar de não sermos *wulher de virtude*. Lá vai a receita:



E o Conselho de Estado
Não faz com a grande «atua-
lização» o que nós costuma-
mos fazer com certos tipos?
Não a pôr à margem? Quia
deixar a Constituição de es-
pírito-lhe caducada, coitada! Al-
ém todos precisamos, todos
não estamos com tal doença.

Excepto o actor Graça que, além d'esta receita, para levantar o quadrado, o empunha e a espalhava, tem uma outra que executava no dia 22; se querem curar-se é verem como o Graça é engraxado no Capítulo-mor da Moropédia. E' efectivamente muito engraxado este Graça e desonesta a gente.

RECOMMENDS SEJRS TO FILE BOLUNTS

第二部分

Não sejá isto ensinado para que não compreendam o erro do barco, e dar-lhe os pacientes por etc., e tal.

E notem que já não fallo n'aquele *sentimento rubro*, pois cuido ser permitida ao poeta a liberdade de empregar os qualificativos que melhor lhe parecerem.

Visto que ha *sonhos cír de rosa, idéas ne-gras, idéias azuis* e outros, muito naturalmente tambem pôde haver *sentimentos rubros, amarellados e cír de café*.

A sua metrificação,inda que não haja attingido o grau de perfeição e a mathematica implacavel e impeccavel dos processos mecanicos de Theophilo Dias, é todavia das melhores, das mais variadas, das mais correntes.

A *Apparição nas aguas*, a composição mais perfeita das *Canções românticas*, tembra, dirão, A *Bachante*, de Theophilo Braga.

Não o nego; mas em preffiro o auto poema de Th. Braga esses poucos versos de Alberto de Oliveira, o ultimo talvez dos nossos lyricos, com a sua grandiosa synthese da volupia, a descom-passada hyperbole da sensualidade, que ficaria melhor em Ch. Beaudelaire:

Que apparição do lux! Em breve, em breve
Vass n'água flutuar!
Ah! que as ondas, cruel! não sejam labios,
E eu não seja o mar!

A' vista, pois, do expensido, e outras boas partes que concorrem na pessoa do nosso auctor, sou de opinião que o Instituto Historico lance na acta da suas sessões um voto de louvor ao jovem estreante, e que o sabio governo de S. M. o Imperador conceda ao sr. Alberto de Oliveira o habito da Rosa—afim de que o poeta não produza mais nada.

Nós, pela nossa parte, limitamo-nos a enviar-lhe muito saudar.

DOM BIBAS.

No lyceu

Quando o Dr. Domingos Freire terminou a sua conferencia no dia 13 no lyceu sobre a aguardente e a cerveja os alumnos sahiram d'allí cambaleando de somno.

RIB.

Uma chronica

reguas, treguas! eis o que diziam os classicos espiritos, que freqüentavam as filas da opera.....

A questão Marianni-Pozzoni vao ser archivada e registrada entre os factos da tolice publica, no lado dos entrelinhados tolos que rechejavam os ineditórios. O theatro lyrico fechou a porta e dizem que a companhia vae embarcar, provando assim que nem sempre é certo o dictado: festa acabada, musicos a pé.

Agora, quando os nossos netos forem peral-vilhar alli para aquellas cadeiras, assentando os dous canos do binocolo para as deidades dos camarotes, contemo-lhes aquella historia; e como

quem conta um conto acrescenta um ponto, acrescentemos mais um ás notas do tenor Tamagno, quando fallarmos d'elle; mais dous á gordura da prima dona Pozzoni, quatro ás da prima dona Marianni, outros tantos nos saltos da Sr. Repeto, e diga-se, já que se falla em pontos, que os olhos da Sr. Bianchi Fiori alumavam o ponto como disse aquelle apaixonado folhetista do já muito extinto *Diario do Rio de Janeiro*.

Agora temos algumas historias que em vez de pontos é bom deitar os... pontinhos.

O facto mais engracado, durante toda a estação lyrica, foi um senhor da letra G, que confundia o tenor Tamagno com o maestro Bassi e, quando o censuravam, dizia:

— O que quer? acostumei-me a encaralhos assim, e venho aqui tantas vezes...

Era o meio que tinha de provar o seu dilettantismo.

Dizem que o Sr. ministro do Imperio vai revogar a cremação, e correndo este boato em diversos círculos chegou à assemblea provincial, onde S. Ex.^{ss} conta affeiçoados. O pezar foi enorme; diziam elles:

— ora eu que já me havia...

— O que homem?

— Cremado.

Si no menos fossem em hora ao Sr. visconde de Prados em algum fogo de vistas...

E por fallar no Ex.^{ss} presidente não posso deixar de notar o modo porque a salinha o trata.

Na sessão de 31 de outubro, o deputado Abreu Lima n'um repto oratório disse que o Sr. visconde de Prados foi a manivela do partido liberal.

Não sei, deante do termo, se manifestar a minha adhesão á S. Ex.^{ss} ou se lastimal-o, por haver desrido de tanto ou de tão pouco ao seu partido.

O que resta a crer, é se o partido liberal servio-se de S. Ex.^{ss} como tal, pelo menos com proveito. O deputado Abreu Lima devia vir dizer da sua tribuna.

Talvez fosse n'isso a salvação da patria.

JULIÃO.

Surrexit

Temos o summo prazer de prevenir os leitores da reaparição do *Apostolo*. Phenix mystica ressuscitou dos seus typos e da sua tinta de impressão, prevenindo que a sua assignatura é paga adiantada, e que se publica ás quartas e sextas-feiras e aos domingos; isto é dous dias em que a igreja manda fazer o jejum e o dia em que ella permite o regaço.

Assim pois acreditamos que o *Apostolo* será mais lido nas quartas e sextas-feiras, sempre é penitencia, que acompanha o jejum.

Y. Z.

Ao Caetano-vate.



uma das noites da semana passada, foi visto na Phoenix o vate-Caetano a aplaudir, com quanta força tinha, a sua *Mangerona*.

Ora, poeta, isto indignou-nos; bem sabemos que a peça é má e não se pode conservar por muito mais tempo em cena; mas enfim, para te prestarmos um favor,

si queres, vamos lá representar de *claque*, e berrar:

- A' scena o vate-Caetano!
- O *Folhagens!*
- O Caetano-vate!
- O *Mangerona!*
- O vate-*Folhagens!*
- O *Folhagens-vate!*
- O *Mangerona-vate!*
- O *Folhagens-Mangerona!*
- O *Mangerona-Folhagens!*

Toma o nosso conselho, *Folhagens-vate-Caetano-Mangerona*.

L. J.

Na noite da estreia da companhia francesa notava-se:

A um canto uma porção de commendadores, que desfolhavam os rizos pegados com a ponta dos labios, mastigando charutos e cuspido phrases compactas.

Um pouco de jornalismo, que se parecia com os commendadores; sorriam os jornalistas;

Uma duzia de mulheres nostalgicas e amarradas como os mólhos de manteiga, esguias como aspargos,

Uma alluvião de peralvilos, um conselheiro Accacio, uma porção de homens casados, e poucos que iam allí para se tornarem,

No mais havia o bilheteiro na porta e o Sr. *Jenne Homme* que ensinava o regulamento da casa, e dizia que allí era o Alcazar!

Esteve divertido.

No proximo numero faremos a critica musical

FETIS, MERIM.

Noticiario

redacção do *Besouro* faz orações a Deus para que lhe conserve a robustez da saúde, e estimara que os seus leitores possam faze-las — à razão da mesma.

A companhia do maestro Ferrari ferra brevemente as velas nos aplausos publicos e vai-se.

Deixa muitas saudades aos floristas, principalmente, porque vai diminuir-lhes a frequê-



zia das flores que dizem uns tantos segredos aos tenores, às prima-donas ligeiras e contraltos. Tudo no mundo fenece.

*
A *Reforma* acaba de perder a collaboração de Freitas bisótilho, um dos laços da parentesco d'aquele folha com o poder executivo.

Tamanha desgraça sobrevenida á *Reforma* fez diminuir o numero dos sens leitores e da sua tiragem. Perdeu a *Reforma* tudo isto: Freitas bisótilho, Freitas biscunhado, Freitas duplo, Freitas double, Freitas a duas amarras, Freitas de dois partidos, Freitas duplicata.

Consta que augmentará sempre aos pares a retirada dos Freitas para longe do Sr. Philadelpho.

*
O ministerio não quer que se trate agora da grande nacionalização. Gorou, portanto, a candidatura do poeta Peneda, o grande Cagistoso, para a pasta de estrangeiros, em substituição do Sr. Villa Bella.

*
Corre com muita instancia que o Sr. João de Almeida, do *Cruzeiro*, vai ser nomeado administrador das capatacias.

A indicação foi devida ao Sr. Hudson que o apresentou ao ministerio como empataz dos reporters discretos.

*
O vate Caetano tem aqui no escriptorio da redacção uma carta que lhe foi dirigida, e que por engano abrimo-la.

A carta é do seguinte theor:

Ilum. Sr.

Eu fui e tenho sido do numero dos que tem dado palmas á sua peça, e por isso espero ser contemplado no numero... dos felizes. Não exijo muito: quero apenas que me compre um quarto de loteria, e pague-me um jantar no Consolo.

Seu principal admirador,
Castro, (vulgo) Urso.

*
A Historia de Portugal falla em Nun'Alvares o condestável terrível na batalha; as *folhagens* de Caetano fizeram aparecer entre nós um Nun'Alvares incontestável, e unico bom critico para obras iguais.

Pena foi que o ilustre Nun'Alvares só se ocupasse das *folhagens* pela rama, deixando assim de dizer-nos a que escola os versos de Caetano prendem a raiz... do queijo.

*
Proseguem com toda a regularidade os trabalhos da estrada da Leopoldina, e o rio Doce apenas serviu para lançar um rio de biles no estomago do Sr. Silveira Lobo.

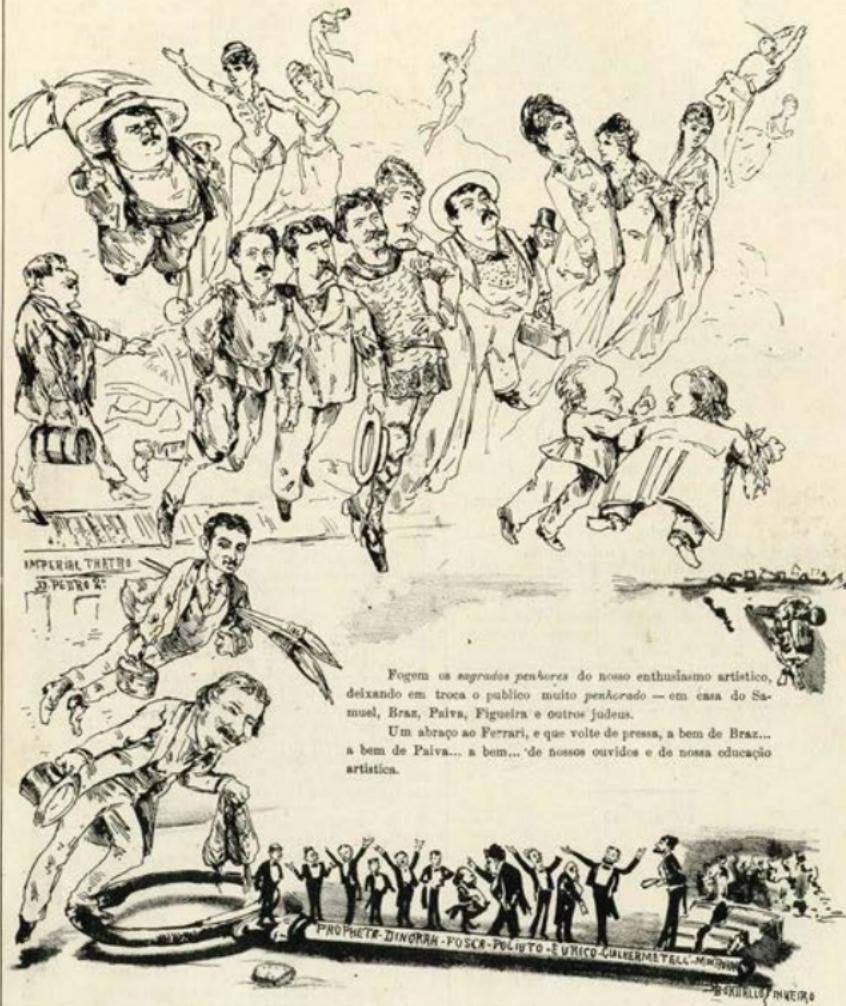
Ficou provado que o ministerio não se afoga: faz cosa diversa — nada.

*
Este noticiario sensaborão não é assignado pelo noticiarista

KARLO MELLO

P. S. — Vai ser dado ao prelo um livro colaborado pelos Srs. Pereira Rojas e Caetano vate escrivendo. O publico poderá assim julgar qual dos dois poetas é o maior.
K. MELLO.

DESPEDIDA DA COMPANHIA LYRICA DO MAESTRO FERRARI.



Fogem os sagrados pensões do nosso entusiasmo artístico, deixando em troca o público muito pensornado — em casa do Samuel, Braz, Paiva, Figueira e outros judeus.

Um abraço ao Ferrari, e que volte de pressa, a bem de Braz... a bem de Paiva... a bem... de nossos ouvidos e de nossa educação artística.

Sobre a chave de ouro com que Ferrari fechou a sua época lyrica choram os Anabaptistas, como nós, que de casaca preta se isolaram durante duas séries de opera (para alguns uma) com o fim de propagarem uma idéia de limpeza que infelizmente não achou prosélitos. Esperemos pelo propheta do ano que vêm e

A rivederl, Ilustres mestros e artistas.